COLECÇÃO ETNOGRÁFICA POR TERRAS DO CONCELHO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

MUSEU MUNICIPAL

Câmara Municipal
Carregal do Sal - 2006

COLECÇÃO ETNOGRÁFICA
POR TERRAS DO CONCELHO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

CATÁLOGO

Câmara Municipal de
Carregal do Sal - 2006

Ficha Técnica:

TÍTULO
Colecção Etnográfica - Por Terras do Concelho

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Carregal do Sal

AUTOR
Evaristo João de Jesus Pinto

APOIO À EDIÇÃO E INVENTÁRIO
Rosa Maria Lourenço Maurício

CAPA
Cenas de Vida Agrícola no Concelho de Carregal do Sal

CONTRACAPA
Alfaias

FOTOGRAFIA
Evaristo João de Jesus Pinto
António Borges
Eduardo Esteves

EXECUÇÃO GRÁFICA
EDILIBER, LDA

TIRAGEM
3000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
XXXXXXX

ÍNDICE

NOTA DE APRESENTAÇÃO 3

EXPOSIÇÃO PERMANENTE 5

COLECÇÃO ETNOGRÁFICA 5

POR TERRAS DO CONCELHO 5

A AGRICULTURA 6

DOS PREPARATIVOS DA TERRA ÀS COLHEITAS 8

OS OBJECTOS AGRÍCOLAS 9

A VINICULTURA 19

A VITIVINICULTURA ATRAVÉS DOS OBJECTOS 20

A MOAGEM, OS MOINHOS, A FARINHA E O PÃO 26

MEMÓRIAS DO "PÃO-NOSSO DE CADA DIA" 27

DESTILAGEM 28

MARCENARIA 30

TRABALHOS EM MADEIRA: DOM DA NATUREZA E SABER-FAZER 31

ARMARIA 37

AGRADECIMENTOS 39

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 4

MUSEU
MUNICIPAL

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Torna-se cada vez mais evidente que a evolução histórica apresenta ritmos diversos, quer de lentidão e quase imobilidade, quer de forte aceleração, quando a euforia da mudança contribui para o legado das gerações precedentes.

Assim, a Revolução Industrial - que, pelas suas características e repercussões, só encontra paralelo na Revolução Neolítica -, iniciada em Inglaterra nas últimas décadas do século XVIII e que, na centúria seguinte, se difundiria por diversos outros países, contribuiu para alterar profundamente a vida das pessoas e, em certos casos, para apagar vestígios importantes dos testemunhos históricos. Com algum optimismo, poderíamos dizer que, em certos casos, se trata da chamada "destruição criadora" (como lhe chamou Schumpeter), logo não necessariamente prejudicial.

Parafraseando o historiador inglês Peter Laslett, o ambiente sociocultural e económico do Antigo Regime, progressivamente transformado com a industrialização, constitui um **mundo que nós perdemos** (Peter Laslett, *O Mundo que nós perdemos*, trad. do inglês, Lisboa, Edições Cosmo, 1975), mas que, graças à História e aos Museus - como autênticos repositórios de memoria -, podemos continuar a revisitar.

Por outro lado, países como Portugal, onde a industrialização apenas se foi fazendo tardiamente e de forma incompleta, com os prós e contras inerentes, alguns aspectos da sociedade pré-industrial chegaram quase até nós, persistindo mesmo alguns deles em nossos dias.

O que se acaba de referir pode constar-se, de forma muito elucidativa, no **Museu Municipal de Carregal do Sal**, através de uma visita cuidada à sua excelente **Colecção Etnográfica**, em exposição. Trata-se de um conjunto notável de peças e alfaias agrícolas e artesanais, didacticamente apresentadas, segundo uma concepção museográfica actualizada.

Com efeito, além de objectos originais, devidamente identificados (quanto à sua proveniência, funcionalidade e utilidade), as belas fotografias e o cenário expositivo fazem com que a referida visita se

transforme numa lição prática de historia local e municipal, ao mesmo tempo que nos revela algo da riqueza e diversidade do respectivo património cultural.

Encontram-se patentes objectos representativos das principais actividades desenvolvidas no Município, regra geral desde há séculos. Como na maior parte do País - à excepção dos centros urbanos -, a agricultura estava bem no centro da vida das comunidades rurais. Antes da acelerada mecanização da mesma, os trabalhos agrícolas, cadenciados pelo ritmo do tempo e das condições climáticas, eram executados essencialmente por homens e mulheres, com o auxilio de animais domésticos e de utensílios/ferramentas rudimentares, mas que, por terem sido tão testados ao longo do tempo, se tornaram bastante funcionais.

Pelos objectos expostos, associados à lavra e às sementeiras, à colheita e à preparação dos produtos, adquire-se uma visão do processamento de muitas das referidas actividades.

Mas os agricultores e camponeses, além de cultivarem a terra, eram também artesãos, pelo que transformavam, em oficinas adequadas (adegas e alambiques, moinhos e oficinas de tanoeiro), os bens que a terra lhes fornecia, preparando-os para consumo. Em Terras do Dão - cujo vinho de excelente qualidade é tão apreciado, em Portugal como no estrangeiro -, a vitivinicultura não poderia deixar de estar representada. Muitos dos objectos expostos relacionam-se com ela ou com actividades complementares, nomeadamente a destilaria e a tanoaria.

Mas, como o pão era e continua a ser parte importante da dieta alimentar - sobretudo dos menos afortunados -, a moagem, sobretudo a hidráulica, está bem representada e permite-nos recordar esse ambiente bucólico que se respirava em muitos dos cursos de água, graças à presença do moinho e do moleiro que, num ou noutro caso, ainda persistem a "lutar contra a maré", mesmo em ambiente adverso, perante unidades e sistemas de moagem mais consentâneos com os tempos actuais.

Tal como a terra, devidamente cultivada, fornecia o vinho e o cereal, os frutos, os legumes e o azeite, a floresta dava a lenha e a madeira. Esta, tradicionalmente e enquanto o uso de outros materiais não se generalizou (betão, plástico, metais diversos, etc.), tinha vasta aplicação, em objectos e utensílios de uso diário, na construção civil e, obviamente, no mobiliário. Ora, dada a importância desta actividade no Concelho de Carregal do Sal, a marcenaria encontra-se bem representada, através de ferramentas que eram manuseadas por verdadeiros artistas da madeira, possuidores de um saber-fazer ancestral, mas que foram progressivamente valorizado e enriquecendo.

Finalmente, a caça - actividade reservada à nobreza, em tempos medievais - foi-se também democratizando, o que foi facilitado pela evolução tecnológica das respectivas armas. A colecção apresentada revela alguma dessa evolução, através da exibição de espingardas de

vários tipos.

Deste modo, encontram-se reunidas todas as condições para que se visite, com todo o proveito e prazer, o **Museu Municipal de Carregal do Sal**, pelas suas colecções e pela realização das múltiplas actividades a desenvolver.

Uns, recordarão tempos idos, que viveram e dos quais constituem testemunhos directos. Outros, os mais jovens, terão o ensejo de tomar contacto com uma realidade que desconheciam e que, pelas suas características e diferenças em relação à actual, lhes parecerá muito mais recuada do que efectivamente é.

Todos se aperceberão, também, de como, com saber, criatividade, empenho e trabalho, se torna possível converter um antigo edifício, de traça interessante mas de dimensões relativamente modestas, num Museu moderno e dinâmico que poderá ser considerado, sem exagero, uma instituição de referência, no âmbito dos Museus Municipais.

Ao Município de Carregal do Sal, na pessoa do seu Presidente, Senhor Atílio dos Santos Nunes, e ao responsável pelo Museu, Dr. Evaristo Pinto, Técnico Superior do Património, o meu reconhecimento e apreço, por terem tido a percepção da importância cultural e histórica do legado histórico (no caso presente concelhio) que nos compete não só preservar mas ainda estudar, valorizar e, sobretudo, colocar ao serviço das populações, melhorando, também por essa via, a sua qualidade de vida e respectivo bem-estar.

Coimbra, 7 de Abril de 2006

José Amado Mendes

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

COLECÇÃO ETNOGRÁFICA POR TERRAS DO CONCELHO

A presente colecção comporta um número diversificado de objectos que correspondem a uma parte substancial de artefactos recolhidos por terras de Carregal do Sal e povoações dos concelhos limítrofes, particularmente da Quinta do Loureiro (antigo Morgadio de Loureiro de Silgueiros) e de Canas de Senhorim, cujas povoações se identificam, desde tempos medievos, pela afinidade de costumes, usos, tradições e laços socioculturais com a comunidade carregalense. Com esta iniciativa herdámos as recordações e os vestígios dessas memórias, expressos através de testemunhos alusivos à vida camponesa nas suas mais variadas vertentes de vida material, social e cultural.

O espaço expositivo é distribuído por seis núcleos temáticos dedicados à agricultura, vinicultura, moagem, destilação e marcenaria que se interligam através de um percurso informativo, o qual pretende tornar mais facilmente compreensível a representatividade e o significado dos objectos expostos, relacionando-se a colecção de armaria com as actividades ancestrais da caça no concelho.

Sublinha-se que a presença física destes artefactos locais constitui testemunho vivo de memórias de um tempo e espaço singulares e de uma cultura identitária que tende a desaparecer. São utensílios, equipamentos e ferramentas, outrora utilizadas pelas povoações nas suas mais diversas actividades. Por seu turno, as migrações dos anos sessenta do século passado teriam sido um dos grandes motivos que viria a contribuir para a despovoação dos campos nas diversas freguesias do concelho, constatando-se, assim, o gradual desuso daqueles objectos por razões de inovação operados pelo homem como forma de garantir a sua subsistência, num mundo cada vez mais exigente e tecnológico e longe de se identificar com as alfaias e ferramentas de trabalho que perduram ao longo do seu processo evolutivo e geracional, onde homem e natureza se harmonizavam num passado não muito distante. Com efeito, até cerca do último quartel do século XX, as principais actividades económicas no Município de Carregal do Sal centravam-se na vida do campo, na pastorícia, na pequena indústria de madeiras e no

fabrico de móveis, onde a tradição de marcenaria viria a desempenhar um importante factor de desenvolvimento local, a par da vinicultura, da moagem e do comércio do sal de que foi o principal percursor neste planalto beirão.

Porém, era nos meios rurais que grande parte da sua população se mantinha activa. A vida da comunidade carregalense era ritmada pelas tarefas agrícolas, labuta que não tinha fim e onde o sol marcava as horas. Da preparação da terra às colheitas, o terreno e a paisagem apresentavam-se continuamente ocupados por pessoas que dali

retiravam o seu sustento. Os lavradores calcorreavam os campos com as suas juntas de bois, os camponeses espalhavam à mão as sementes na terra lavrada. Depois, sucediam-se a debulha e a azáfama em torno das eiras e a apanha da azeitona. Com o suor destas lides se imprimia ao campo uma dinâmica que hoje não reconhecemos.

Todas as peças nos revelam como o homem lidava com a natureza e a forma como dela poderia tirar proveito.

Ficaram os objectos como memórias de uma cultura viva e representativa de valores patrimoniais locais, para ajudar as novas gerações a compreender e conhecer melhor o nosso passado.

A AGRICULTURA

Mercê da sua localização geográfica e de extensas planícies férteis situadas por entre os vales das ribeiras que atravessam o concelho e cursos fluviais importantes, como o Rio Mondego e o Dão, a actividade agrícola no Município de Carregal do Sal foi, desde sempre, um meio inquestionável de sobrevivência da comunidade local até meados do passado século.

A vida das populações, com excepção de algumas actividades relacionadas com o comércio do sal e indústria de madeiras, centrava-se nas tarefas agrícolas e na pastorícia como garantia do seu sustento.

Por relatos colhidos junto de pessoas idosas e para quem o campo constituiu uma vida inteira de trabalho, foi possível, para além da recolha dos objectos, registar testemunhos, recordações e experiências que terminarão quando esta geração desaparecer. Hoje encaram o campo com profundo sentimento de tristeza por considerarem, tal como a velhice, um maninho que não produz e não germina, ao invés do

que fora no seu tempo de juventude.

As famílias de maior poder económico distinguiam-se pela posse da terra em maior extensão, com as suas casas solarengas e frondosas quintas, naquela altura símbolos de fartura, riqueza e ostentação. As famílias mais pobres cultivavam ou amanhavam as suas leiras e como complemento ganhavam a sua jorna trabalhando nas terras dos grandes proprietários, situação que ficou bem conhecida pela expressão "ganhar o dia fora".

Geralmente homens e mulheres faziam as vindimas, e na apanha da azeitona, eram os homens que as varejavam e subiam às oliveiras, enquanto as mulheres a apanhavam à mão. Em ambos os casos as mulheres recebiam sempre um salário inferior ao dos homens. Como é sabido, esta situação ainda não desapareceu totalmente, pelo menos em certas actividades.

Por altura da Primavera, as pequenas extensões de terra eram cavadas à força de braços e as grandes fazendas eram lavradas pelas juntas de bois.

O dinheiro ganho pelas famílias mais modestas era, quase na totalidade, destinado a pequenas aquisições de mercearia. Cultivavam-se os cereais, principalmente o milho, com o qual, depois de moído e retirada a maquia para pagar o trabalho do moleiro, se cozia a broa no forno, o qual, geralmente, durava para a semana inteira. O trigo era um luxo e não entrava na dieta alimentar destas gentes.

Para além daqueles cereais, bem como do centeio e cevada, cultivavam-se as batatas para todo o ano, assim como os feijões e as hortaliças da época. Paralelamente criavam-se os animais do campo, galináceos, coelhos e principalmente o porco. A matança do porco, geralmente efectuada no alto Inverno, estava na base da grande reserva alimentar. Com efeito, a carne de porco, conservada em sal era o mais importante conduto que entrava na alimentação destas gerações.

Dos preparativos da terra às colheitas

A faina agrícola no concelho de Carregal do Sal tal como nos concelhos limítrofes impõe, ainda em nossos dias, ritmos de actividade

que têm apenas algumas pausas no alto Inverno, designadamente em Janeiro "geadeiro". É normalmente com o iniciar da Primavera que se dá inicio ao ciclo das sementeiras.

Os campos que outrora eram lavrados por juntas de bois ou cavados à enxada em pequenas extensões são, nos dias de hoje, preparados por tractores, actividade que é antecedida pelo espalhar do estrume dos animais e de fertilizantes. De seguida, passa-se ao uso da grade para desfazer os torrões, deixando a terra lisa para o lançamento das sementes que pode ser feito em linhas paralelas, processo que permitirá facilitar posteriormente a sua rega.

Caracterizados essencialmente como terrenos de regadio, ao chegar o Verão inicia-se o ciclo de sachar as culturas e de se proceder à monda que consiste num trabalho de limpeza das ervas, o qual pode ser executado, ainda, e com uma sachola ou pelo sachador de lâminas movido por tracção animal ou através da nova maquinaria agrícola.

Depois da maturação, as colheitas iniciam-se em fins de Julho e prolongam-se até meados de Setembro, consoante os cereais ou produtos que foram semeados. A seguir à ceifa, como é o caso mais característico do milho, procede-se à desfolhada, trabalho que consiste em separar a espiga da palha, também conhecido pelo termo "descamisar". A faina prossegue com o secar das espigas nas inúmeras eiras naturais proporcionadas pelos afloramentos graníticos e que são muito características neste concelho e em todo o Planalto Beirão.

Com o terminar destas lides inicia-se de novo a preparação da terra, na qual agora é semeada erva para alimentar os animais durante o Inverno. Uma vez mais o ciclo volta a repetir-se com o raiar da Primavera, justificando o velho ditado que "o campo não dá descanso".

Herdámos os instrumentos, utensílios e relatos de quem trabalhou a terra. A actividade agrícola será futuramente cada vez mais mecanizada. Perderam-se os elos de ligação de algumas tradições dos meios rurais, os cantares, a colocação das Maias, as cruzes no campo, os espantalhos e muitas das festas do final dos trabalhos. Ficaram os objectos que nos remetem para esses tempos que não devem ser esquecidos. Aprecie-os e divulgue o Museu Municipal. Esperamos sempre por si.

Os objectos agrícolas

Canga

Colocada no cachaço dos animais e usada na atrelagem do gado às alfaias por dois sistemas: cornal, em que o animal puxa pela cabeça e jugular, em que o animal puxa pelo cachaço. Este último, na grande maioria dos casos, combina-se com o cornal, puxando os animais pelo pescoço e pela cabeça.

Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 158 x 8 x 40cm. Inv.: MMCS 05.ET.101.162

Carro de Bois

Veículo de tracção animal, puxado por uma junta bois ou de vacas. Era usado em todo o tipo de transporte.
É constituído por um "tabuleiro" de forma ogival, o toiço ou temão que se prolonga por uma peça onde os animais vão ser atrelados.
O rodado é de eixo fixo e rodas de miúlo com o rasto revestido a chapas pregadas.

Data: Séc. XX (1950). Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 473 x 165 x 98cm. Inv.: MMCS 05.ET.104.165

Carro de bois(ao fundo)

Canga (à frente)

Pote de azeite

Recipiente de zinco com tampa. Usado para armazenamento de azeite.

Pote1 (à esquerda), **pote2** (ao centro) e **pote 3** (à direita).

Pote 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 31 x 31 x 45 cm. Inv.: MMCS 05.ET.8.69).*
Pote 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 44,5 x 44,5 x 75cm. Inv.: MMCS 05.ET.147.208).*
Pote 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 40 x 40 x 55 cm. Inv.: MMCS 05.ET.148.209).*

Cesto

Servia para o transporte e armazenamento de produtos agrícolas (fruta, legumes, espigas, etc.) e lenha.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 45 x 45 x 43 cm. Inv.: MMCS 05.ET.9.70

Balança Centesimal

Instrumento de precisão com estrutura rectangular de madeira e estrado revestido em chapa de zinco pregada.
Usada para pesar produtos agrícolas.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 121 x 71,5 x 105 cm. Inv.: MMCS 05.ET.10.71

Balança Decimal

Instrumento de precisão em estrutura de madeira, reforçada com tiras de chapa pregadas. O peso de acerto desliza numa estrutura de ferro. No prato suspenso eram colocados as restantes unidades de medida.
Usada para pesar produtos agrícolas.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 95 x 50x 59 cm. Inv.: MMCS 05. ET.150.211

Balança decimal e **pesos.**

Peso

Unidade de medida em ferro fundido e chumbo que serve para determinar, na balança, o peso de um corpo.

Peso 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 6 x 6 x 11 cm. Peso: 2 Kg.* ***Inv.:*** *MMCS 05.ET.158.219).*
Peso 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 10,2 x 10,2 x 5,2 cm . Peso: 2 Kg . Inv.: MMCS 05.ET.159.220).*
Peso 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 14,2 x 14,2 x 6,5 cm. Peso: 5 Kg. Inv.: MMCS 05.ET.160.221).*
Peso 4 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 8 x 8 x 4,2 cm. Peso: 1 Kg. Inv.: MMCS 05.ET.162.223).*
Peso 5 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 5 x 5 x 2,8 cm. Peso: 1/4 Kg. Inv.: MMCS 05.ET.163..224).*
Peso 6 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 4,7 x 4,7 x 2,6 cm. Peso: 2 hg. Inv.: MMCS 05.ET.165.226).*
Peso 7 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 6,2 x 6,2 x 3,4 cm. Peso: ½ Kg. Inv.: MMCS 05.ET.166.227).*
Peso 8 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 3,7 x 3,7 x 2,1 cm. Peso: 1 hg. Inv.: MMCS 05.ET.167.228).*
Peso 9 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 3 x 3 x 1,5 cm. Peso: ½ hg. Inv.: MMCS 05.ET.168.229).*
Peso 10 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 15,2 x 7,2 x 8,5 cm. Peso: 5 Kg. Inv.: MMCS 05.ET.169.230).*

Semeador

Instrumento em madeira, movido por rodas de ferro raiadas e caixa de depósito de sementes que caíam com cadência regulável em rego aberto. Veio substituir a sementeira manual a lanço, permitindo regularizar as plantas em linhas paralelas para facilitar os trabalhos de sachar e regar.

Data: Séc. XX. Origem: Beijós. Dimensões: 140 x 65 x 69 cm. Inv.: MMCS 05.ET.11.72

Barril

Pequeno recipiente feito de aduelas de madeira, seguras por arcos de ferro, sendo os dois centrais ligados por uma pega.
Servia para transportar vinho ou água que acompanhavam as merendas

feitas no campo, nos intervalos dos trabalhos agrícolas.

Barril 1 *(Data: Séc. XX . Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 33 x 15 x 25 cm Inv.: MMCS 05.ET.13.74).*
Barril 2 *(Data: Séc. XX . Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 32,5 x 21 x 30 cm Inv.: MMCS 05.ET.24.85).*

Panela de ferro

Panela com tampa (testo) em ferro fundido, munida de três pernas e duas pequenas pegas laterais unidas por um arame que forma uma pega maior. Servia para cozinhar na lareira, sendo habitual estar permanentemente ao lume com água.

Data: Séc. XX . Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 20 x 20 x 30 cm. Inv.: MMCS 05.ET.14.75

Trempe

Arco de ferro com três pés, sobre o qual assentam algumas vasilhas que vão ao lume.

Data: Séc. XX . Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 23 x 23 x 18,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.94.155

Caçoila

Pote de barro preto para cozinhar alimentos.

Data: Séc. XX . *Origem:* Canas de Senhorim. *Dimensões:* 25 x 25 x 11 cm. *Inv.:* MMCS 05.ET.82.143

Cabaça

Cantil resultante do aproveitamento de um fruto com o mesmo nome que, depois de seco e esvaziado das respectivas sementes, ficava pronto para o transporte de vinho ou água.

Cabaça 1 *(Data: Séc. XX . Origem: Beijós. Dimensões: 18 x 18 x 27 cm. Inv.: MMCS 05.ET.15.76).*
Cabaça 2 *(Data: Séc. XX . Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 26 x 26 x 37 cm. Inv.: MMCS 05.ET.16.77).*

Enxofradoura

Tubo de lata com tampa de encaixe, munido de um crivo na extremidade oposta à tampa. Usada para aplicação de enxofre em pó.

Data: Séc. XX . Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 8,5 x 8,5 x 22 cm. Inv.: MMCS 05.ET.19.80

Enxofradoura de fole

Fole usado para aplicação de enxofre em pó e para atiçar o fogo.

Data: Séc. XX . Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 5,8 x 18 x 5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.20.81

Forca

Espécie de garfo com quatro dentes em ferro e cabo de madeira, usado para acartar e estrume e palha no campo.

Data: Séc. XX . Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 158 x 22,5 x 4 cm. Inv.: MMCS 05.ET.22.83

Cântaro

Vasilha em barro não vidrado com tampa, utilizado como reservatório de água potável.

Data: Séc. XX . Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 30 x 30 x 47 cm. Inv.: MMCS 05.ET.23.84

Forquilha

Espécie de garfo com três dentes achatados. Usado para acartar estrume e palha no campo.

Data: Séc. XX . Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 157 x 21 x 4 cm. Inv.: MMCS 05.ET.26.87

Ancinho de dentes de madeira

Utensílio de madeira usado para retirar os carolos das espigas de milho, deixando apenas os grãos, e para juntar o cereal ceifado no campo e

amanho da terra.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 135 x 39,2 x 168,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.27.88

Gadanho

Gancho de ferro com três dentes e cabo de madeira. Usado na remoção de estrumes.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 107,5 x 16,5 x 22 cm. Inv.: MMCS 05.ET.28.89

Mangual ou malho

Utensílio composto por dois paus de madeira, um mais curto (pírtigo) e outro mais comprido (mangoeira) com que se maneja, presos entre si por correias de cabedal.
Utilizado para malhar milho, centeio, trigo, etc.
A malhada é um trabalho feito por grupos mais ou menos numerosos de homens que batem com o mangual nas espigas secas, espalhadas na eira, separando os grãos dos carolos.

Data: Séc. XX. Origem: Póvoa da Arnosa. Dimensões: 194 x 6 x 8 cm. Inv.: MMCS 05.ET.29.90

Raspador

Lâmina de ferro rectangular, curvada na ponta e punho de encabamento em casulo. Servia para raspar o tronco das oliveiras.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 18 x 13 x 3,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.30.91

Da esquerda para a direita: forquilha, sacho1, malho,enxada, forca, sacho 2, roçadoura, gadanha, gadanho, ancinho e raspador.

Sacho

Instrumento composto por uma pequena lâmina em ferro rectangular e cabo de madeira.
É utilizado na horta para remoção das ervas daninhas que crescem entre as plantas hortícolas.

Sacho 1 *(Data: Séc. XX . Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 130 x 17 x 11,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.31.92).*
Sacho 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 124 x 13,5 x 7,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.133.194).*

Enxada

Instrumento primordial para todo o trabalho manual da terra, como cavar, abrir regos e cortar mato, a qual nos últimos tempos, tem vindo a ser gradualmente substituída por máquinas.

Data: Séc. XX. *Origem:* Canas de Senhorim. *Dimensões:* 118 x 17 x 25 cm. *Inv.:* MMCS 05.ET.32.93

Ceitoira ou foicinha

Instrumento usado para o corte do milho e de pequenas quantidades de erva, sendo dos trabalhos que menos alterações sofreram, pelo que só muito recentemente foi substituída (em casos raros) por ceifeiras.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 23 x 32 x 3 cm. Inv.: MMCS 05.ET.33.94

Charrua

Alfaia utilizada por tracção animal para revolver a terra (lavrar), através da aiveca de metal, preparando-a para a sementeira
O seu manuseamento necessita de duas pessoas: uma à frente, que conduz os bois, a outra atrás que a maneja, pegando na rabiça que é constituída por uma ou duas pegas. Veio a substituir com maior eficácia e rapidez a lavra com sachola, feita à mão.

Charrua 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 209 x 72 x 81 cm. Inv.: MMCS 05.ET.35.96).*
Charrua 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 160 x 35 x 110 cm . Inv.: MMCS 05.ET.88.149).*

Roçadoura com cabo

Instrumento de corte, composto por uma lâmina de ferro encurvada na ponta e punho de encabamento em casulo com cabo de madeira comprido. Serve para cortar mato ou roçar as moitas.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 166,5 x 11 x 4 cm. Inv.: MMCS 05.ET.36.97

Sachador

Alfaia movida pela força dos animais para revolver a terra, através de nove "dentes" que a penetram, destruindo ervas daninhas (fazer a sacha). É também usado para fazer a cobertura do adubo e pode ser adaptado para fazer regos de irrigação. Só pode ser usado quando o milho é semeado mecanicamente, alinhando as plantas.

Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 198 x 89 x 70 cm. Inv.: MMCS 05.ET.37.98

Cambão

Barrote de madeira que serve para ligar os bois ao arado, à charrua ou à grade.

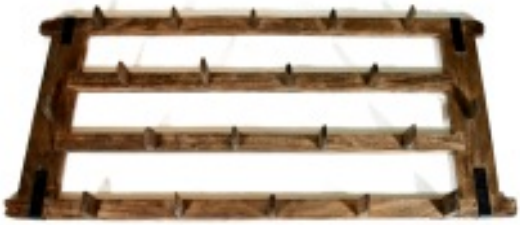
Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 111 x 11 x 9 cm. Inv.: MMCS 05.ET.38.99

Grade de madeira

Estrutura rectangular em madeira com quatro barrotes (os banzos) e duas testeiras, composta por 20 dentes. O seu uso tornava-se necessário

a seguir ao arado para desfazer os torrões. Em seguida, a grade era voltada ao contrário e passada pelo terreno para alisar a terra, preparando-a para a sementeira.

Data: Séc. XX. Origem: Beijós. Dimensões: 135 x 60 x 11 cm. Inv.: MMCS 05.ET.57.118



Cesta de vime

Vulgarmente usada no transporte da merenda.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 30 x 21 x 35 cm. Inv.: MMCS 05.ET.59.120

Cofro ou Cofinho

Cestos de rede armada colocados no focinho dos animais para os impedir de comer erva durante o trabalho.

Cofro 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 20 x 20 x 17cm.* ***Inv.:*** *MMCS 05.ET.61.122).*
Cofro 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 20 x 20 x 17cm. Inv.: MMCS 05.ET.62.123).*

Vara de bois (aguilhada)

Vara delgada e comprida, com ferrão na ponta, que serve para picar e conduzir os bois ou as vacas.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 200 x 2 x 2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.140.201

Motor de rega

Motor de combustão a petróleo de um cilindro, fixado a um carro de transporte em ferro com roda dianteira e apoio de mãos. Utilizado para retirar água dos poços.

Data: Séc. XX. Marca: Pachancho. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 135 x 54,5 x 81,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.139.200

Gadanha

Foice formada por uma lâmina de aço pontiaguda, ligeiramente encurvada, com haste de encabamento em forma de cunha ajustada à extremidade do cabo por meio de anel de ferro. O cabo tem um punho transversal a meio. Usada no corte de erva.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 149 x 56,5 x 20 cm. Inv.: MMCS 05.ET.134.195

Colher de pau

Utensílio de cozinha feito em madeira, composto por concha e cabo. Servia para mexer os alimentos aquando da sua confecção.

Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 38,5 x 10 x 3 cm. Inv.: MMCS 05.ET.119.180

Forcão

Instrumento de lavoura, formado de uma haste terminada em duas pontas.
Usado para carregar e juntar feno e palha.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 220 x 37 x 17 cm. Inv.: MMCS 05.ET.151.212

Cascadeira

Pequeno galho de oliveira usado para descascar milho.

Data: Séc. XX. Origem: Fiais da Telha. Dimensões: 15 x 3,5 x 1,2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.172.233

A VINICULTURA

A actividade vitivinícola no concelho de Carregal do Sal, por tradição ancestral e pelas condições climatéricas específicas do Planalto Beirão em que está integrado, continua a assumir um importante papel a nível socioeconómico e cultural das populações.

O número significativo de lagaretas escavadas na rocha inventariadas no território do Municipio são testemunhos medievais inquestionáveis que comprovam, pelo menos desde aquele tempo, as práticas da cultura da vinha, produção e consumo do vinho como factor de importância económica e social que entrava, também, na dieta alimentar das classes mais pobres.

Caracterizada, assim, desde tempos recuados, por condições naturais e vicissitudes históricas como uma região onde predominava a estrutura de minifúndio, grande parte da cultura da vinha era efectuada em terrenos acidentados e em socalcos. Como complemento das lides do campo, destinava-se à produção de vinho para consumo dos próprios agricultores, na qualidade, de donos da sua própria parcela.

Posteriormente, este sistema foi gradualmente desaparecendo, dando hoje lugar a uma actividade produtiva e extensiva de exploração de vinhos de qualidade, integrados na Região Demarcada do Dão.

Os objectos expostos espelham bem a forte implantação e a importância que teve da produção do vinho na vida da comunidade na última centúria. São equipamentos e artefactos que deixaram de ter a sua função na segunda metade do século XX e hoje ultrapassados pela rápida evolução técnica e generalização da introdução de maquinaria agrícola moderna, em praticamente todos os trabalhos de campo.

Continuam, porém, os hábitos e as técnicas tradicionais da empa, da poda e escava que são executadas pelos mais idosos e detentores do saber transmitido de pais para filhos, ao longo de gerações e que encontram na agricultura o seu sustento e modo de afirmação social e cultural.

A vitivinicultura através dos objectos

Cântaro de sulfato

Vasilha em zinco, usada para transporte da calda de sulfato para tratamento da vinha.

Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 25 x 25 x 40 cm. Inv.: MMCS 05.ET.102.163

Máquina de sulfatar de dorso

Depósito portátil em latão, utilizado para pulverizar as vinhas e pomares.

Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 35 x 12 x 40 cm. Inv.: MMCS 05.ET.103.164

Gamela

Tabuleiro de madeira de pinho.
Servia para transportar ou armazenar produtos e era também usada como masseira (para amassar o pão).

Gamela 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 82,5 x 51 x 21 cm. Inv.: MMCS 05.ET.105.166).*
Gamela 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 78 x 53 x 23 cm. Inv.: MMCS 05.ET.106.167).*
Gamela 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 79 x 53, 5 x 23 cm. Inv.: MMCS 05.ET.107.168).*

Cântaro

Vasilha de zinco usada no transporte do vinho e também como medida de capacidade (almude = 25 litros).

Cântaro 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 40 x 40 x 56 cm. Capacidade: 20 Litros. Inv.: MMCS 05.ET.108.169).*

Cântaro 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 30 x 30 x 44 cm. Capacidade: 10 Litros. Inv.: MMCS 05.ET.109.170).*
Cântaro 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 30 x 30 x 44 cm. Capacidade: 12,5 Litros ou meio almude. Inv.: MMCS 05.ET.110.171).*

Dorna

Vasilha de grandes dimensões utilizada no transporte de uvas e de líquidos, sendo composta por travessas (aduelas) de madeira (carvalho) unidas por aros de ferro (arcos), aberta no topo. Eram construídas por tanoeiros.

Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 97 x 97 x 172,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.111.172

Pipo

Recipiente bojudo feito de aduelas de madeira ligadas por arcos de ferro. Servia para armazenamento de vinho e aguardente. Eram construídas por tanoeiros.

Pipo 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 119 x 90 x 90 cm. Capacidade: 350 Litros. Inv.: MMCS 05.ET.1.62).*
Pipo 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 92 x 67 x 67 cm. Capacidade: 250 Litros. Inv.: MMCS 05.ET.2.63).*
Pipo 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 61 x 50 x 50 cm. Capacidade: 50 Litros. Inv.: MMCS 05.ET.3.64).*
Pipo 4 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 49 x 31 x 31 cm. Capacidade: 20 Litros. Inv.: MMCS 05.ET.4.65).*

Maço

Instrumento de madeira encabado e usado para pressionar os batoques e torneiras nos pipos.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 30 x 5,3 x 11 cm. Inv.: MMCS 05.ET.5.66

Tina

Recipiente em forma de dorna baixa, constituída por travessas de madeira, unidas por aros de ferro (arcos, aberta no topo).
Servia para os actos de trasfega.

Tina 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 110 x 110 x 42 cm. Inv.: MMCS 05.ET.7.68).*
Tina 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 73 x 73 x 46 cm. Inv.: MMCS 05.ET.66.127).*
Tina 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 73 x 73 x 40 cm. Inv.: MMCS 05.ET.67.128).*

Serrote de poda

Lâmina dentada ou serra manual usada no corte das cepas das vinhas e poda de árvores.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 34,5 x 2 x 10 cm. Inv.: MMCS 05.ET.25.86

Tesoura da poda

Instrumento cortante usado na poda de videiras, arbustos e galhos de árvores de fruto.

Tesoura 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 20,5 x 1 x 4 cm. Inv.: MMCS 05.ET.54.115).*
Tesoura 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 23 x 6 x 2,2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.138.199).*

Dorna de sulfato

Vasilha de grandes dimensões utilizada no transporte de sulfato, sendo composta por travessas (aduelas) de madeira (carvalho) unidas por aros de ferro (arcos), fechada no topo. Eram construídas por tanoeiros.

Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 120 x 92 x 114,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.55.116

Funil

Utensílio de forma cónica, com um tubo, que serve para envasilhar ou trasfegar líquidos. Usado para a trasfega de líquidos para vasilhas com gargalo estreito.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 38 x 32 x 34 cm. Inv.: MMCS 05.ET.60.121

Pá de caldear

Tábua em forma de remo usada para dissolver a calda de sulfato.

Pá 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 157 x 6 x 3 cm. Inv.: MMCS 05.ET.63.124).*
Pá 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 141 x 11 x 4 cm.*

Cesta

Utensílio de verga com asa, vulgarmente usado na vindima.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 40 x 43 x 44 cm. Inv.: MMCS 05.ET.137.198

Garrafão de verga

Recipiente de vidro revestido de verga.
Usado no transporte e armazenamento de vinho e aguardente.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 43x 25 x 48 cm. Inv.: MMCS 05.ET.95.156

Prensa de lagar

Peça em ferro de enroscar no fuso que em conjunto com os malhais e a adufa serviam para comprimir o bagulho no lagar.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 25x 25 x 11 cm. Inv.: MMCS 05.ET. 96.157

Rodilha

Rolo de trapos para suster fardos à cabeça.

Data: Séc. XIX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 15 x 15 x 5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.171.232

Copo de medida

Pequeno recipiente, munido de asa lateral. Serve de medida de capacidade.

Copo 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 10 x 6,5 x 6,5 cm. Capacidade: 2 dl. Inv.: MMCS 05.ET.152.213).*
Copo 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 8 x 5,2 x 5,2 cm. Capacidade: 1 dl. Inv.: MMCS 05.ET.153.214).*
Copo 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 8,5 x 5,6 x 5,6 cm. Capacidade: 1/8 dl. Inv.: MMCS 05.ET.154.215).*
Copo 4 *(Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 6,7 x 4,2 x 4,2 cm. Capacidade: 1/2 dl. Inv.: MMCS 05.ET.157.218).*

A MOAGEM, OS MOINHOS, A FARINHA E O PÃO

No último quartel da centúria passada, um número significativo de moinhos tradicionais movidos pelas águas das Ribeiras que atravessavam todas as freguesias do concelho davam vida e encanto à paisagem, num quadro de bucolismo e autenticidade.

Nos dias de hoje são muito pouco os que funcionam e encontram-se na maioria dos casos em completa ruína, encerrando memórias que só os mais idosos se lembram de descrever. Porém, existem em funcionamento alguns exemplares que continuam, em casos pontuais, a actividade da moagem, principalmente o milho, fazendo recordar o que foram aqueles tempos e os modos de vida das populações.

Era frequente, então, por parte das pessoas do campo, pedir a um moleiro para moer o seu milho que era o cereal mais cultivado por terras deste Município e que era moído a troco de pagamento de uma maquia, porção muitas vezes correspondente a cerca de uma décima parte do grão.

Com a farinha de milho se cozia a broa, nos fornos existentes em praticamente todas as freguesias do concelho, constituindo aquele pão um dos principais alimentos no dia-a-dia das populações, designadamente nas famílias com mais baixos rendimentos.

Com este núcleo temático se pretendeu reviver, através dos objectos expostos e das imagens que o completam, o ciclo da vida agrícola e o modo tradicional da moagem e panificação, hoje praticamente substituídos por meios mecânicos.

Memórias do “Pão-Nosso de Cada Dia”

Mó

Estrutura circular em granito com orifício central. Peça de moinho que servia para moer cereais.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal (Moinhos do Mondeg). Dimensões: 93 x 93 x 15 cm. Inv.: MMCS 05.ET.58.119

Alqueire

Caixa de madeira de pinho usada como medida de capacidade para cereais (15 Kg). Um dos lados do topo é enviesado para fora e o outro tem pega em madeira.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 65,5 x 26,3 x 18 cm. Inv.: MMCS 05.ET.17.78

Rasoiro

Pequeno cilindro de madeira usado para nivelar os cereais aquando da sua medição através do alqueire, servindo para tirar as sementes que estão a mais na medida.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 39,3 x 6 x 6 cm. Inv.: MMCS 05.ET.18.79

Vassoura

Molho de lentisca, atado com arames.
Usada para varrer as eiras e as casas.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 120 x 12 x 12 cm. Inv.: MMCS 05.ET.12.73

Peneira

Estrutura redonda em tala de madeira unida de lado, com fundo em rede muito fina. Usada para peneirar farinha.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 30 x 30 x 10 cm. Inv.: MMCS 05.ET.141.202

Da esquerda a para direita: crivo e peneira.

Rapadoira

Instrumento em ferro, com lâmina achatada e pega fina. Utilizado para rapar a massa que fica pegada à masseira e fazer cruzes no pão antes de cozido.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 20 x 8 x 0,2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.143.204

Crivo

Utensílio usado para limpar cereais (milho, trigo, centeio, feijão, etc.).

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 35 x 35 x 9,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.135.196

Taleiga ou saco da farinha

Saco em linho usado para transporte e armazenamento de farinha.

Data: Séc. XIX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 100 x 45 cm. Inv.: MMCS 05.ET.170.231

DESTILAGEM

O processo de destilagem para obtenção de aguardentes constitui ainda, nos dias de hoje, uma prática ancestral que se generalizou a partir da Idade Média, através das mais diversas formas de construção de alambiques, nos quais eram aproveitados os bagaços da uva ou os vinhos de menor qualidade.

Não sendo propriedade comunitária, a posse de um alambique não era acessível a qualquer proprietário devido ao seu alto custo. Daí que só apenas os grandes senhores da terra fossem detentores de tal sistema.

Para a obtenção de aguardente os pequenos produtores recorriam àqueles, mediante o pagamento em dinheiro ou aguardente apurada.

Beber aguardente com figos secos era um costume social e cultural das gentes do campo, a que muitas vezes se designou "matar o bicho". O argumento de que a aguardente servia para aquecer e curar todos os males deixou, entretanto, de entrar nos hábitos alimentares das populações.

O alambique em exposição constitui um exemplar dos inícios do século passado, tendo sido utilizado por terras de Carregal do Sal e adquirido mais tarde pela Câmara Municipal, no sentido de se retratar e reviver ambientes identitários da cultura local neste espaço expositivo.

É constituído por uma coluna móvel e lentilha na sua parte superior, a qual é, por sua vez, ligada a uma serpentina de refrigeração.

O bagaço era colocado na coluna que, mediante os vapores, era submetido à destilação pela acção do próprio calor proveniente da caldeira.

Alambique

Aparelho de destilação em cobre composto por uma caldeira, uma coluna e uma serpentina ligadas entre si. Servia para o fabrico de aguardentes.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 415 x 170 x 213 cm. Inv.: MMCS 05.ET.39.100

Garrafão

Recipiente de vidro revestido de verga.
Usado no transporte e armazenamento de vinho e aguardente.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 30 x 20 x 43 cm. Inv.: MMCS 05.ET.6.67

Carro de mão

Estrutura em forma de caixa trapezoidal em madeira, assente em duas traves ligadas entre si por uma travessa, que se prolonga para além da parte mais larga dando origem a duas rabiças (apoio de mãos). Na parte dianteira possui roda raiada. Usado para transporte de produtos agrícolas e bagaço.

Data: Séc. XX. Origem: Morgadio de Loureiro de Silgueiros. Dimensões: 174 x 50 x 58,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.21.82

MARCENARIA

Os objectos expostos são referências histórico-culturais de um sector de actividade económica que marcou grande parte do quotidiano de inúmeros marceneiros, carpinteiros e tanoeiros por terras deste Município e de Canas de Senhorim.

Com o desaparecimento gradual destes artífices e a consequente perda das técnicas e saberes tradicionais, procurou-se reunir um conjunto de instrumentos e ferramentas de trabalho que estiveram parados no tempo e que agora constituem memórias e um meio de conhecimento para compreender o que fora um dos principais ramos de actividade criativa e produtiva no Município de Carregal do Sal.

Em certas das suas localidades podemos ainda encontrar algumas fábricas, desactivadas que eram grandes centros de produção de móveis e, simultaneamente, autênticas oficinas de aprendizagem na arte de trabalhar a madeira para os jovens que iniciavam a sua vida activa.

Ao nível da tanoaria produziam-se diversos tipos de vasilhame, cuja venda que era e continua a ser comum, nas feiras tradicionais deste concelho, principalmente os pequenos barris, celhas, pipas e tonéis, para além de diverso mobiliário rústico a que, também, muitos carpinteiros se dedicavam, utilizando madeiras de carvalho, castanho, pinho e eucalipto. A arte de carpinteiro enraizada em muitos operários do concelho é uma herança de séculos que tende a diminuir por variadas razões, a que não pode ficar alheia a introdução do betão e do alumínio em tudo o que é construção habitacional. Quem não se lembra das antigas casas de sobrado, dos alpendres, dos telhados em estrutura de madeira que então prevaleciam?

Estes artífices eram homens respeitados pela sua sabedoria que foi sendo aperfeiçoada ao longo de gerações. Também eles, à sua maneira, faziam parte de uma certa “aristocracia operária”. Ficaram as ferramentas como herança de uma vida de trabalho que exigiu longos anos de prática e muitos sacrifícios.

Trabalhos em madeira: Dom da natutreza e saber-fazer

Banco de Marceneiro

Mesa de trabalho, munida de torno com rosca e alavanca de ferro. Usada pelos marceneiros e carpinteiros. O tampo possui uma pequena ranhura longitudinal, onde eram introduzidas as ferramentas do ofício.

Data: Séc. XX. Origem: Fiais da Telha - Fábrica de móveis Altabeira. Dimensões: 207 x 68 x 79 cm. Inv.: MMCS 05.ET.40.101

Martelo

Instrumento de ferro com cabo de pau destinado a bater, quebrar e especialmente a cravar e arrancar pregos na madeira.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 32,5 x 3 x 13,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.34.95

Plaina

Instrumento de carpinteiro para alisar ou desbastar madeira constituído por uma lâmina ajustável.

Plaina 1 (Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 34,5 x 6,50 x 17,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.41.102).
Plaina 2 (Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 32 x 6 x 13,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.130.191).
Plaina 3 (Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 16,5 x 5 x 13,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.42.103).

Plaina de rebaixar

Instrumento de carpinteiro para rebaixar madeira constituído por uma

lâmina ajustável.

Plaina 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 73 x 16 x 3,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.112.173).*
Plaina 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 21,5 x 13,5 x 3,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.122.183).*

Machado

Instrumento cortante em ferro, em forma de cunha fixo a um cabo de madeira, que serve para rachar lenha e aparelhar madeira.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 84 x 6,5 x 16 cm. Inv.: MMCS 05.ET.43.104).

Roçadoura

Instrumento de corte, composto por uma lâmina de ferro encurvada na ponta e punho de encabamento em casulo. Serve para cortar mato.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 33,5 x 3,5 x 13 cm. Inv.: MMCS 05.ET.44.105).

Grosa

Instrumento de carpintaria que servia para

desbastar madeiras, composto por cabo de madeira e folha de aço.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 39 x 3 x 3 cm. Inv.: MMCS 05.ET.45.106).

Formão

Instrumento de carpintaria constituído por lâmina de aço, estreita e comprida, tendo uma das extremidades acabadas em gume e outra embutida num cabo.

Formão 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 27,3 x 2 x 3,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.46.107).*
Formão 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 24 x 2,5 x 2,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.47.108).*
Formão 3 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 23,9 x 4 x 4 cm. Inv.: MMCS 05.ET.113.174).*
Formão 4 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 22,3 x 3 x 2,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.125.186).*

Lima

Instrumento de ferro ou aço com asperezas para polir ou desbastar metais ou outros objectos.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 21,2 x 2 x 2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.48.109

Ponteiro

Instrumento de carpintaria em aço, ligeiramente pontiagudo que servia para perfurar na madeira e múltiplas utilizações.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 10,2 x 1 x 1 cm. Inv.: MMCS 05.ET.49.110

Compasso

Instrumento de desenho utilizado em carpintaria composto de duas pernas ou hastes articuladas, que serve para traçar circunferências e arcos de círculo e para

tomar medidas.

Data: Séc. XX. Origem: Oliveira do Conde. Dimensões: 14,5 x 1,5 x 3,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.51.112

Traçador

Lâmina serrilhada, munida de duas pegas em madeira colocadas nas extremidades.
Era utilizada por duas pessoas e servia para corte de árvores de grande porte.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 135,5 x 3 x 24 cm. Inv.: MMCS 05.ET.52.113

Serra

Estrutura rectangular em madeira munida de uma lâmina serrilhada em aço, colocada no centro desta estrutura e presa por dois "esticadores".
Usada para corte de tábuas.

Data: Séc. XX. Origem: Beijós. Dimensões: 130 x 3,5 x 57 cm. Inv.: MMCS 05.ET.53.114

Nível

Instrumento para verificar se um plano está horizontal.

Data: Séc. XX. Origem: Beijós. Dimensões: 20 x 2,8 x 5,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.56.117

Prensa

Utensílio de ferro usado para comprimir madeira entre as suas duas peças principais.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 51 x 28 x 4,2 cm. Inv.: MMCS 05.ET. 146.207

Grampo

Utensílio de ferro ajustável através de um sistema de rosca. Usado para comprimir madeira entre as suas duas peças principais.

Grampo 1 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 28 x 13 x 7 cm. Inv.: MMCS 05.ET.117.178).*
Grampo 2 *(Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 29 x 15 x 2,3 cm. Inv.: MMCS 05.ET.118.179).*

Arco de pua

Instrumento que servia para furar.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 50 x 17 x 7 cm. Inv.: MMCS 05.ET.132.193

Graminho

Instrumento de madeira usado para traçar riscos paralelos nos bordos das tábuas.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 19 x 16 x 13,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.131.192

Serrote

Lâmina dentada com cabo e protecção em madeira. Usada nos trabalhos de marcenaria e carpintaria.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 36,5 x 2 x 10, 5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.129.190

Talhadeira

Instrumento de aço para cortar ou talhar.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 18,5 x 3,5 x 2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.128.189

Alicate

Pequena turquês composta de duas hastes de ferro que se cruzam e movem em torno de um eixo comum.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 20 x 4,5 x 1,3 cm. Inv.: MMCS 05.ET.127.188

Metro

Objecto formado de partes articuladas graduadas. Unidade de medida de comprimento.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 100 x 1 x 0,2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.126.187

Esquadro

Instrumento com que se formam ou medem os ângulos rectos e se tiram linhas perpendiculares e paralelas.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 31 x 17 x 1 cm. Inv.: MMCS 05.ET.120.181

Pé de cabra

Alavanca de aço com uma das extremida fendida.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimen: 34,5 x 5,5 x 4,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.116.177

Enxó

Instrumento de carpinteiro e tanoeiro, usado para desbastar madeira.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 30 x 11 x 1,5 cm. Inv.: MMCS 05.ET.144.205

Serra manual

Instrumento cortante. Estrutura rectangular munida de lâmina dentada de aço e uma corda que mantida sob tensão faz com que a lâmina permaneça sempre esticada.

Data: Séc. XX. Origem: Canas de Senhorim. Dimensões: 75 x 44 x 2 cm. Inv.: MMCS 05.ET.145.206

Gebredeira

Instrumento de tanoeiro. Usado para alisar e desbastar madeira das dornas, pipos e tinas.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 24 x 6,5 x 17 cm. Inv.: MMCS 05.ET.114.175

Plaina para aros de janelas

Instrumento de carpinteiro para fazer aros de janelas e as respectivas calhas, constituído por uma lâmina ajustável e duas roscas de madeira que permitem afeiçoar uma régua de madeira.

Data: Séc. XX. Origem: Carregal do Sal. Dimensões: 23,5 x 23 x 13 cm. Inv.: MMCS 05.ET.115.176

ARMARIA

Fazem parte desta colecção nove espingardas de caça do século XIX que foram apreendidas a caçadores furtivos no concelho de Carregal do Sal, em meados do século XX. Ao tempo, o posto da Guarda Nacional Republicana situava-se no próprio edifício da Câmara Municipal, sendo esta uma das razões da sua permanência nesta instituição como parte integrante e representativa dos bens patrimoniais e culturais do concelho.

Num estudo recente desta a esta colecção, constatou-se que em nenhuma das armas existe o punção de fabricante ou qualquer outra marca que pudesse permitir a identificação da sua origem, situação que nos leva a admitir estarmos perante um conjunto homogéneo de armas de fabrico artesanal "clandestino", cuja proveniência e fabrico se desconhece. Por seu lado, numa análise comparativa com armas de tipologia congénere, verificou-se que toda a colecção é constituída por espingardas de percussão, evidenciando elementos comuns a este tipo de modelo: o de possuírem o respectivo cão de mecha que, por vezes, é apresentado sob formas decorativas diversas, para além das incrustações também decorativas no cano e nas braçadeiras. Os exemplos que se expõem são, contudo, menos elaborados, tanto ao nível de acabamento artístico dos metais, como na própria madeira que foi aplicada na coronha.

Este sistema de percussão surgiu nos inícios do Século XIX, em consequência da evolução tecnológica da ignição por percussão, porquanto estas proporcionavam grande resistência ao tempo húmido.

Para além deste facto, não está excluída a hipótese de as mesmas terem sido usadas durante e após o período das Invasões Francesas (1807-1810), assim como, a de estarem associadas às convulsões sociais durante as Lutas Liberais (1828-1834) e das próprias incursões de João Brandão neste território, cujas referências documentais existentes são bem elucidativas acerca do período que se viveu.

No entanto, as actividades da caça pelo território do concelho constituíram desde sempre um passatempo lúdico enraizado nos valores da tradição, direccionado designadamente para a caça ao javali, ao

coelho bravo, à perdiz e demais espécies existentes, pelo que as armas expostas terão sido posteriormente usadas neste tipo de actividade.

Espingarda de percussão

Espingarda de percussão 1 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 120 cm.* ***Inv.:*** *MMCS 05.AR.2.54).*
Espingarda de percussão 2 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 121 cm. Inv.: MMCS 05.AR.3.55).*
Espingarda de percussão 3 *(Material: Madeira, aço e prata. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 115 cm. Inv.: MMCS 05.AR.5.57).*
Espingarda de percussão 4 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 128 cm. Inv.: MMCS 05.AR.1.53).*
Espingarda de percussão 5 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 130 cm. Inv.: MMCS 05.AR.4.56).*
Espingarda de percussão 6 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 131cm. Inv.: MMCS 05.AR.8.60).*
Espingarda de percussão 7 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal Comprimento: 134 cm. Inv.: MMCS 05.AR.6.58).*
Espingarda de percussão 8 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 143 cm. Inv.: MMCS 05.AR.7.59).*
Espingarda de percussão 9 *(Material: Madeira e aço. Data: Séc. XIX. Origem: Carregal do Sal. Comprimento: 104 cm. Inv.: MMCS 05.AR.9.61).*

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho não podia deixar de aqui expressar a minha sentida gratidão a todos os que de algum forma contribuíram para o seu enriquecimento e para que o mesmo se tornasse num profícuo meio de conhecimento e divulgação do legado etnográfico deste concelho.
Ao Senhor Professor Doutor José Amado Mendes pela sua amável colaboração e gentil disponibilidade em apoiar esta iniciativa, bem como pelos seus preciosos ensinamentos que dignificaram, exponencialmente, este catálogo. Ao Sr. Presidente Atílio dos Santos Nunes pelo seu constante empenhamento na resolução das questões do Museu e do Património do Município.
De igual modo, em nome da Câmara Municipal de Carregal do Sal manifesto o meu mais vivo e caloroso agradecimento a todos quantos se dignaram oferecer peças ao Museu Municipal, bem como às pessoas que muito condignamente e, de forma voluntária, colaboraram na reunião desta valiosa colecção etnográfica:

D. Maria Virgínia dos Santos Lima, Quinta do Loureiro – Loureiro de Silgueiros
D. Maria Trindade, Quinta do Barão, Vimieiro – Santa Comba Dão
Dr. Alberto Palla Beirão – Canas de Senhorim
Dr. Evaristo João de Jesus Pinto – Canas de Senhorim
D. Ilda de Jesus – Canas de Senhorim
Sr. António Loureiro Batista - Beijós
D. Maria da Conceição Ruas – Póvoa da Arnosa
Sr. Viriato Borges de Melo - Carregal do Sal
Dr.ª Paula Teles – Oliveira do Conde
Sr. Mário Lourenço Teles – Oliveira do Conde
D. Maria de Lurdes Santos Batista de Santiago Ribeiro (Altabeira) – Fiais da Telha
D. Lisete Correia Alves, Quinta dos Encontros – Carregal do Sal
D. Maria Júlia de Melo – Carregal do Sal
D. Albertina Lopes Duarte Almeida - Fiais da Telha
D. Leonor Lourenço Costa Maurício - Póvoa da Arnosa
Sr. Manuel José Pais Gonçalves - Póvoa de Santo António
Sr. António Pais Melo - Carregal do Sal

BIBLIOGRAFIA

BRITO, Joaquim Pais de, e outros (coords) - O voo do arado. Lisboa : Museu Nacional de Etnografia, 1996

DIAS, Jorge – Os arados portugueses e as suas prováveis origens. Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982

HARTINK, A. E. Enciclopédia das espingardas e armas de caça. Lisboa : Livros e livros, 2003

MAUSS, Marcel - Manual de Etnografia. Lisboa : Dom Quixote, 1993

NP 405 – 1. 1994, Informação e Documentação - Referências bibliográficas : Documentos impressos. Lisboa: IPQ, 1994

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de ; GALHANO, Fernando ; PEREIRA, Benjamim – Alfaia agrícola portuguesa. Lisboa : Dom Quixote, 1995

SILVA, José Manuel dos Santos ; FERREIRA, Ana Margarida - Armas de Fogo : Catalogo. Figueira da Foz : Museu Municipal Dr. Santos Rocha, 1992

SILVA, Henrique Bonifácio – O vinho. Lisboa : Ciência e vida, 1981

Depoimentos orais:

António Loureiro Batista - Beijós
Ilda de Jesus – Canas de Senhorim
Leonor Lourenço da Costa Maurício – Póvoa da Arnosa
Maria Júlia de Melo – Carregal do Sal
Maria Virgínia dos Santos Lima - Quinta do Loureiro – Loureiro de Silgueiros
Mário Lourenço Teles – Oliveira do Conde

O CONCELHO DE CARREGAL DO SAL

Localização de Carregal do Sal em Portugal (Mapa da Região Centro).

Contactos:

Museu Municipal de Carregal do Sal
Rua Alexandre Braga, 32
3540-007 Carregal do Sal
Tel: 232960404, Fax232960409
Museu@carregal-digital.pt

Horário:

De Terça-Feira a Domingo, das 10,00 às 12,00h e das 15 às 17,00h.
Encerrado às Segundas-Feiras, 1 de Janeiro, Terça-Feira de Carnaval, Domingo de Páscoa, 25 de Abril, 1.º de Maio, Feriado Municipal (móvel) e 25 de Dezembro.

ADICES
ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas